

# A ORIGEM DA GRÉCIA ANTIGA E OS PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO COM SUAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS NO LIVRO DIDÁTICO DO SEXTO ANO <sup>1</sup>

Cindy Alanis Santos Souza <sup>2</sup>, Alexandre Galvão Carvalho (orientador)<sup>3</sup>

## RESUMO

Nos livros didáticos é comum que a divisão do estudo da Grécia se dê por períodos, seguindo uma ordem cronológica e espacial, no qual o centro do poder político e econômico progride das ilhas do mar Egeu em direção ao continente, até o seu estabelecimento nas poleis hegemônicas de Atenas, Esparta e Tebas, respectivamente, e, finalizando no domínio imposto pela Macedônia. A interpretação da Grécia enquanto um caldeirão etnocultural na bacia do Mediterrâneo é desconsiderada em prol da concepção historiográfica na qual os helenos são a “infância da Europa”, sendo os responsáveis por um “milagre”, desenvolvendo a filosofia, a erudição, a arte, e ignorando a sua profunda integração com sociedades orientais. Esse modo de entender a Grécia Antiga serviu para universalizar e reforçar o ideal de progresso, numa perspectiva evolucionista, favorecendo uma narrativa histórica eurocêntrica. Procuraremos analisar as integrações da Grécia Antiga a partir da bacia do Mediterrâneo, utilizando a habilidade EF06HI15 da BNCC 2017 que traz perspectivas de ensino interessantes. Desse modo, é fundamental analisar como os livros didáticos aderem às habilidades propostas pela BNCC (2017), traçando possíveis críticas e potencialidades, especialmente relacionadas à perspectiva da História Global.

**PALAVRAS-CHAVE:** BNCC, Ensino de História Antiga, Grécia Antiga, Integrações.

## THE ORIGIN OF ANCIENT GREECE AND THE PROCESSES OF INTEGRATION WITH ITS CONTEMPORARY SOCIETIES IN THE SIXTH YEAR TEXTBOOK

## ABSTRACT

In textbooks, it is common for the study of Greece to be divided into periods, following a chronological and spatial order, in which the center of political and economic power progresses from the islands of the Aegean Sea towards the continent, until its establishment in the poleis. hegemonic powers of Athens, Sparta and Thebes, respectively, and ending with the dominance imposed by Macedonia. The interpretation of Greece as an ethnocultural melting pot in the Mediterranean basin is disregarded in favor of the historiographical conception in which the Hellenes are the “childhood of Europe”, being responsible for a “miracle”, developing philosophy, erudition, art, and

---

<sup>1</sup> Entidade financiadora da pesquisa: CNPq

<sup>2</sup> Graduanda em História na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Email: [sscindy4@gmail.com](mailto:sscindy4@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professor Pleno do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: [alexandre.galvao@uesb.edu.br](mailto:alexandre.galvao@uesb.edu.br)

ignoring its deep integration with Eastern societies. This way of understanding Ancient Greece served to universalize and reinforce the ideal of progress, from an evolutionary perspective, favoring a Eurocentric historical narrative. We will seek to analyze the integrations of Ancient Greece from the Mediterranean basin, using the BNCC 2017 skill EF06HI15, which brings interesting teaching perspectives. Therefore, it is essential to analyze how textbooks adhere to the skills proposed by BNCC (2017), outlining possible criticisms and potentialities, especially related to the perspective of Global History.

KEYWORDS: BNCC, Teaching Ancient History, Ancient Greece, Integrations.

## INTRODUÇÃO

A interpretação tradicional da história grega e da Antiguidade Clássica, estabelecida na primeira metade do século XIX, tem desenvolvido uma narrativa em prol do “Ocidente”, concedendo grande vantagem à Europa frente a outras sociedades. Tal interpretação permanece até hoje, sendo reproduzida em materiais didáticos, em jornais, em programas de tv, em discursos políticos, etc. Esse modo de entender a Grécia Antiga, definido por Martin Bernal (2005) como Modelo Ariano, serviu para universalizar e reforçar o ideal de progresso, numa perspectiva evolucionista, favorecendo uma narrativa histórica eurocêntrica. Contudo, a historiografia atual sobre o Mundo Antigo tem destacado a integração cultural, as conectividades econômicas e políticas entre as diversas sociedades da antiguidade, em particular, em torno da bacia do Mediterrâneo. Autores como Norberto Luiz Guarinello (2013), Martin Bernal (2005), Kenneth Hirth (2020), Ian Morris (2007), já desenvolvem pesquisas pioneiras sobre as conectividades e trocas culturais entre o “Ocidente” e o “Oriente”.

A habilidade EF06HI15 da BNCC 2017, traz novas perspectivas sobre o passado antigo ao indicar a descrição das “dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado”. Nosso objetivo nesse trabalho é analisar como os processos de integração da Grécia Antiga com outras sociedades, como o Egito, a partir da bacia do Mediterrâneo, aparecem nos livros didáticos, traçando possíveis críticas e potencialidades, especialmente relacionadas com a perspectiva teórica da História Global.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa compreendeu as três estratégias de ação definidas no cronograma inicial do projeto. A primeira foi constituída por um levantamento de dados a partir da revisão de literatura sobre o mundo grego, bem como a formação da disciplina de

História Antiga e, também sobre o ensino de história da Grécia Antiga, seguida por leituras sobre BNCC e livros didáticos, finalizando com leituras sobre História Global. As leituras sobre o mundo grego foram direcionadas a partir da bacia do Mediterrâneo, com enfoque na categoria analítica de integração, compreendendo este espaço enquanto um ambiente de efervescência cultural, econômica e comercial entre os povos da antiguidade. No que se refere ao material sobre BNCC e livros didáticos, foram priorizados artigos voltados especificamente para o ensino de História Antiga. Na temática da História Global, apesar de trabalharmos com dois livros, cujo título é o mesmo (O que é História Global?) e um artigo, foram leituras bastante introdutórias, cujo objetivo era oferecer uma base sólida da teoria e metodologia dessa abordagem, a fim de proporcionar a reflexão crítica sobre a mesma, e a possibilidade de diálogos entre História Antiga e História Global. Para a segunda etapa da pesquisa, que consistia em cruzamento de informações, foram utilizados os fichamentos temáticos produzidos a partir de cada obra lida.

Na terceira e última etapa da pesquisa foram analisadas três fontes históricas: livros didáticos destinados ao 6º ano do Ensino Fundamental II. A análise foi pautada nas informações construídas a partir do levantamento bibliográfico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A História Global e a História Antiga atuais confluem na crítica ao eurocentrismo morfológico e ao internalismo metodológico. A História Global, dirige suas críticas ao excepcionalismo ocidental e a rigidez das fronteiras nacionais como suporte morfológico. Por sua vez, a História Antiga intensifica suas críticas às narrativas eurocêntricas e ao internalismo de histórias centralizadas em uma região, civilização, povo ou unidade política.

Três (03) livros didáticos foram analisados nessa pesquisa: História, Sociedade e Cidadania, Ed. FTD (BOULOS JUNIOR, 2018); Teláris, Ed. Ática (VICENTINO; VICENTINO, 2018); e Araribá Mais História, Ed. Moderna (MODERNA, 2018). Essas obras são destinadas ao 6º ano do Ensino Fundamental II e encontram-se disponibilizadas nos sites de suas respectivas editoras.

A análise das fontes foi dividida em duas partes: 1) leitura e análise geral da organização e estrutura dos conteúdos destinados à História Antiga, desde a denominada “Pré-História” até a queda do Império Romano, dando enfoque para a Antiguidade na Grécia Antiga, mas passando por África e Ásia. 2) Compreender como

a habilidade EF06HI15 da BNCC, “descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado”, é trabalhada nas fontes.

Foi enviado um artigo, com a temática da presente pesquisa, para a Revista *Mythos: História Antiga e Medieval*, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, na edição de 2023 com temática “Ensino de História Antiga e Medieval”. O artigo foi produzido pelo Professor Dr. Alexandre Galvão Carvalho, Cindy Alanis Santos Souza, Isaque Silva Gomes e Keila dos Santos Carvalho, ambos discentes de Licenciatura em História e membros do Laboratório de Ensino e Historiografia da Antiguidade e do Medieval – LEHAM.

## CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

Com a presente pesquisa conseguimos identificar que os materiais didáticos analisados até se propõem em trabalhar com as novas propostas desenvolvidas pela BNCC 2017 – estas, por sua vez, passíveis de críticas por seu caráter eurocêntrico e evolucionista. Entretanto, é possível notar que esses livros encontram dificuldade de atender a tais modificações, pois as recentes discussões historiográficas sobre gênero, trocas culturais, integração, aparecem de modo superficial. Mesmo as habilidades mais promissoras da BNCC quando aplicadas de forma a “comprimir tabela” não conseguem problematizar e superar questões e construções eurocêntricas da historiografia tradicional.

Uma alternativa às problemáticas apresentadas é que a própria BNCC 2017 carece de uma revisão mais crítica, mais plural e que dialogue com historiografia atualizada de forma clara e objetiva. Por sua vez, que os livros didáticos incorporem tais atualizações dentro do conteúdo e não aparte dele. Para a temática da pesquisa, essa alteração estrutural do conteúdo possibilitaria reflexões mais pertinentes, nas quais os/as alunos/as conseguiriam ampliar sua visão sobre o passado antigo, para além de um espaço “clássico”, um espaço de movimentação: com amplas redes de integração entre as sociedades do período, destacando o próprio Mediterrâneo enquanto um ambiente de efervescência cultural. Acreditamos ser possível desenvolver novas metodologias de ensino e aprendizagem para a História Antiga no Ensino Fundamental II, desenvolvendo diálogos com a História Global.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes Históricas:

1. BOULOS JUNIOR, Alfredo. História, Sociedade e Cidadania. Livro do professor, 6o ano. Disciplina: História. São Paulo: FTD, 2018.
2. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.
3. MODERNA (Org.). Araribá mais história. Livro do professor, 6o ano. Disciplina: História. São Paulo: Moderna, 2018.
4. VICENTINO, José Bruno; VICENTINO, Cláudio. Teláris. Livro de professor, 6º ano. São Paulo: Ática, 2018.

### Bibliografia:

5. BERNAL, M. A imagem da Grécia como uma ferramenta para o colonialismo e para hegemonia europeia. In: BERNAL, M.; CANFORA, L.; FUNARI, P. P.; OLIVEIRA, L. Repensando o mundo antigo. Campinas, IFCH/UNICAMP, Textos Didáticos n. 52, 2005.
6. CARVALHO, Alexandre Galvão; GIRARDI, Lucas Werlang; FIGUEIREDO, Carolina Ferreira de. Diálogos entre a História Antiga e o ensino de História: a História global no currículo da BNCC do sexto ano. Revista TransVersos, [S.l.], n. 23, p. 252-274, dez. 2021.
7. CHAVES, Edilson Aparecido. O livro didático e sua presença em aulas de História: contribuições da etnografia. Educar em Revista, Curitiba, vol. 35 no.77, 2019.
8. FUNARI, P. P. A. A importância de uma abordagem crítica da História Antiga nos livros escolares. Revista História Hoje, São Paulo, N 4, 2004.
9. GONÇALVES, Ana Teresa M; SILVA, Gilvan Ventura da. O ensino de História Antiga nos livros didáticos brasileiros: balanço e perspectivas. In: CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). A tradição clássica e o Brasil. Brasília: Archai-UNB/Fortium, 2008. p. 21-34.
10. GUARINELLO, N. L. (2003). Uma morfologia da história: as formas da história antiga. Politeia: História e Sociedade, 3 (1), 41-61.
11. GUARINELLO, N. L. História Antiga. São Paulo: Contexto, 2013.
12. MORALES, F. A., SILVA, U. G. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 40, n. 83, p. 125-150, 2020.
13. MOERBECK, G. Em defesa do Ensino da História Antiga nas escolas contemporâneas: Base Nacional Curricular Comum, usos do passado e pedagogia decolonial. Brathair, v. 1, n. 21, p. 50-91, 2021.